



TRAMAS E URDIDURAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: O VAIVÉM DOS FIOS ENTRE A DIDÁTICA DESENVOLVIMENTAL, AS TEMPORALIDADES E AS NARRATIVAS HISTÓRICAS NO ENSINO ESTUDANTES XAVANTE EM BARRA DO GARÇAS

Luciene de Moraes Rosa¹

Luciana Akeme Sawasaki Manzano Deluci²

Resumo: Apresentamos neste trabalho algumas reflexões sobre os resultados da organização didática para o ensino de História no campo da Didática Desenvolvimental denominado Temporalidades e Narrativas Históricas e desenvolvido junto a quinze estudantes Xavante das escolas públicas urbanas de Barra do Garças-MT. A opção pela organização didática-metodológica no ensino desenvolvimental de Davídov teve em vista o modo como ele ampliou a partir da dialética em Vygotsky uma proposição do ensino das diversas disciplinas escolares com base no desenvolvimento do pensamento teórico como via para apropriação dos conceitos científicos e pela sua consequente contribuição ao conhecimento da gênese dos conceitos e da sua utilização no mundo em situações práticas e que visem à transformação de condições materiais de existência. Creemos ser possível uma aproximação entre a didática, o ensino de história e contexto de aprendizagem intercultural. Haja vista nossa preocupação com o processo de aprendizagem dos estudantes do Povo Xavante que deixam suas aldeias para estudarem na cidade e enfrentam desafios de toda ordem sendo que um deles refere-se ao fato de um ensino nas escolas urbanas muitas vezes não estarem organizados em uma perspectiva intercultural. Desse modo nossos objetivos foram produzir textos narrativos históricos e compreender as temporalidades como uma relação de unidade com o passado-presente-futuro permeadas também pelos conceitos de tempo cronológico marcado por uma ordem sucessiva dos fatos, dos grandes acontecimentos da humanidade e que iniciam sempre um novo tempo e de duração da vida como continuidade da existência. Nosso aporte teórico foram PEGORARO (2011) BARROS (2013), ALBUQUERQUE (2008), LUCINI (1999) RICOEUR (2011), MARZARI; SOUZA (2017), VYGOTSKY (2001), PROUST (2008), KOSELLECK (2006). Os resultados apontam que a organização didática e a mediação dos professores e o conhecimento dos elementos da cultura do povo Xavante é fundamental para a apropriação dos conceitos e dos conteúdos escolares pelos estudantes, pois foi possível aos estudantes uma produção histórica com os elementos interculturais sobre como o tempo é permeado pelas relações com a terra, o capital, a memória e a cultura tanto no passado como no presente e ainda trazer as preocupações com o futuro.

Palavras-chave: Ensino Desenvolvimental. História. Xavante.

¹ Mestra em História- UFG/GO. Professora da Rede Pública Estadual em Mato Grosso. Gestora de formação; atua na modalidade Educação Especial no Centro de Atualização dos Profissionais da Educação de Mato Grosso – CEFAPRO/SEDUC- MT. E-mail: lucienerrrosa@gmail.com

² Mestra em Desenvolvimento Sustentável – UnB/DF. Professora da Rede Pública Estadual de Mato Grosso. Gestora de formação; atua em Matemática no Centro de Atualização dos Profissionais da Educação de Mato Grosso – CEFAPRO/SEDUC- MT. E-mail: lucianadeluci@gmail.com

I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO ARAGUAIA – Junho de 2019.

Diálogos e Reflexões sobre Práticas Educativas e Pesquisas Acadêmicas na Educação Básica

REVISTA FACISA ON-LINE (ISSN 2238-8524) |

vol. 09 | n. 1 | p. 151-161 | Ed. Especial - 2020 | BARRA DO GARÇAS - MT



WEFT AND WARPS IN HISTORY TEACHING: GO AND COME THREADS AMONG DEVELOPMENTAL DIDACTICS, TEMPORALITIES AND HISTORICAL NARRATIVES IN THE TEACHING OF XAVANTE STUDENTS IN BARRA DO GARÇAS

Abstract: We present in this paper some reflections on the results of didactics organization for the teaching of History in the field of Developmental Didactics denominated Temporalities and Historical Narratives developed with urban public schools fifteen Xavante students from Barra do Garças, Mato Grosso. The option for the methodological didactic organization in Davidov's developmental teaching had in view the way it expanded from Vygotsky dialectic, a proposition for the teaching the various schools subjects based on developmental of theoretical thinking as a way for the appropriation of scientific concepts and their consequent contribution to the knowledge of the genesis of concepts and their use in the world in practical situations aimed at transforming material conditions of existence. We believe to be possible an approximation among didactics, History teaching and the context of intercultural learning. Our concern is with the learning process of Xavante students that leave their villages to study in the city and they face challenges of all kinds, one of them concerns the fact that the teaching is not often organized in an intercultural perspective, in urban schools. So, our goals were to produce historical narratives texts and to understand the Temporalities as a relation of unity with past, present and future, permeated also by the concepts of chronological time marked by a successive order of facts, the great events of humanity and that they always begin a new time and life span as continuity of existence. Our theoretical foundations were PEGORARO (2011) BARROS (2013), ALBUQUERQUE (2008), LUCINI (1999) RICOEUR (2011), MARZARI; SOUZA (2017), VYGOTSKY (2001), PROUST (2008), KOSELLECK (2006). The results indicate that Didactics organization, teacher mediation and the knowledge of culture Xavante people are fundamental to the student's appropriation of concepts and school contents, because it was possible for the students a historical production with the intercultural elements about how time is permeated by relation with the earth, capital, memory and culture in the past as well as in the present and still bring concerns about the future.

Keywords: Developmental teaching. History. Xavante

1. Introdução

Tramas e urdiduras no ensino de História recebe esse nome por entendermos que a apropriação de conceitos, a aprendizagem e a organização didática ocorrem em uma tessitura que lembram muito o “tecer” entre as tramas e as urdiduras que em um vaivém entre o vertical e o horizontal em uma lançadeira formam o todo, no caso o tecido. Nem sempre quando vemos o tecido somos capazes de perceber as nuances além da aparência que guardam as relações entre o todo e as partes e as partes e o todo. O mesmo pode se dizer quando vemos a produção de um estudante, pois nem sempre enxergamos sua historicidade no texto. E o seu potencial precisa ser didaticamente canalizado por uma organização de ensino que dê conta de sua apropriação

I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO ARAGUAIA – Junho de 2019.

Diálogos e Reflexões sobre Práticas Educativas e Pesquisas Acadêmicas na Educação Básica

REVISTA FACISA ON-LINE (ISSN 2238-8524) |

vol. 09 | n. 1 | p. 151-161 | Ed. Especial - 2020 | BARRA DO GARÇAS - MT



de conceitos e conteúdos. Por isso, inspiradas por essa metáfora pensamos que também no ensino e na aprendizagem há tramas e urdiduras que se entrelaçam e que estão sempre em um constante vaivém entre o modo como se dá a organização didática do ensino pelo professor e a apropriação pela aprendizagem dos estudantes. Nisso há um constante movimento que vem e vai entre o todo e as partes sem cessar.

Apresentamos neste trabalho reflexões sobre os resultados da organização didática para o ensino de História no experimento no campo da Didática Desenvolvimental denominado Temporalidades e Narrativas Históricas desenvolvido junto a quinze estudantes Xavante das escolas públicas urbanas de Barra do Garças-MT.

As responsáveis por essa mediação são professoras na rede estadual de educação de Mato Grosso e atuam como gestoras de formação no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação CEFAPRO órgão da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso em Barra do Garças e participam de dois grupos de pesquisa junto a Universidade Federal de Mato Grosso – Campus do Médio Araguaia: Abordagem Histórico Cultural em Vygotsky, liderados pelo prof. Dr Hidelberto de Souza Ribeiro e prof^a. Dr^a. Marilene Marzari e do grupo Fronteiras, Culturas e Identidades: um espaço de articulação entre os povos indígenas do Araguaia-Xingu liderado pela prof. Dra Marly Augusta Lopes de Magalhães.

Na mediação desse trabalho participaram o prof. Ms em História Phábio Rocha Silva na época coordenador da Escola Estadual Irmã Diva Pimentel e a Professora Esp. em Língua Portuguesa, Kleide Araújo Lima da Escola Estadual em Tempo Integral Nossa Senhora da Guia. Essas escolas foram às escolas parceiras nesse trabalho.

Nossa participação nesses dois grupos de pesquisa possibilitou a junção dos elementos para a proposição de um experimento didático no ensino desenvolvimental, que fosse voltado a uma perspectiva de ensino com base intercultural, pois os estudantes eram todos pertencentes ao Povo Indígena Xavante. E migraram para a cidade para estudar nas escolas públicas urbanas por fatores diversos que não serão discutidos nesse relato, mas cujos desafios enfrentados por esses são de toda ordem inclusive de ensino nas escolas urbanas que quase nunca são organizados em uma perspectiva intercultural. Por isso, essa possibilidade de aproximação entre a didática desenvolvimental, o ensino de história e contexto de aprendizagem intercultural foi determinante para nós nessa escolha.

Entendemos que, a organização didático-metodológica no ensino desenvolvimental de Davíдов é fundamental, considerando o modo como ele ampliou a partir da dialética em



Vygotsky uma proposição do ensino das diversas disciplinas escolares com base no desenvolvimento do pensamento teórico como via para apropriação dos conceitos científicos. E pela sua consequente contribuição ao conhecimento da gênese dos conceitos e da sua utilização no mundo em situações práticas e que visem à transformação de condições materiais de existência e evita um conhecimento empírico, estéril de sentido como enfatiza Marzari; Souza:

O pensamento empírico em Davídov faz com que os alunos cheguem ao conhecimento direto e imediato do objeto e requer somente a apreensão das características externas, que são descritas, quantificadas, medidas, nomeadas e definidas de forma pontual. Esse tipo de pensamento se limita ao dado aparente, captado pelos sentidos, o que impede uma maior compreensão das múltiplas determinações, próprias da formação dos conceitos científicos, imprescindíveis à formação do pensamento teórico (MARZARI, SOUZA, 2017, p.222).

Dessa forma o rompimento da manutenção do pensamento empírico no ensino de História calcado muitas vezes no tempo cronológico e desconsiderando outros tempos, foi um dos nossos propósitos bem como a produção de textos narrativos históricos, a compreensão das temporalidades como uma relação de unidade com o passado-presente-futuro permeadas pelas temporalidades. Mas, isso não significou abrimos mão do conceito de tempo cronológico marcado que caracteriza por uma ordem sucessiva dos fatos, dos grandes acontecimentos da humanidade e que iniciam sempre um novo tempo e de duração da vida como continuidade da existência, porém de articulá-lo à simultaneidade de outros tempos históricos.

A ideia do trabalho com as temporalidades, tempo e narrativas histórica se deu a partir do acesso ao diagnóstico das avaliações internas da escola sobre as aprendizagens dos estudantes no ano anterior 2017 dos estudantes de Ensino Médio de Barra do Garças assinalava que esses de modo geral apresentavam defasagens na compreensão das temporalidades históricas e por isso não evoluíam tão bem em suas aprendizagens.

Outro aspecto evidenciado foram os índices das avaliações externas dos estudantes que revelam baixo rendimento estão nos eixos de Leitura e Escrita. O que suscitou-nos o desejo do trabalho com a leitura e a escrita na especificidade que a disciplina de História exige de um estudante. De acordo com Barros (2012) primeira noção ligada ao tempo é a de temporalidade. É a unidade de consciência por ela e para ela do passado- presente- futuro.

São as nossas percepções humanas. O estabelecimento de temporalidades é territorializar o tempo, tomar posse do devir aparentemente indiferencializado, percebê-lo



simbolicamente operacionaliza-lo enfim. A temporalidade não existe por si mesma. Ela é construída por diferentes grupos em tempos históricos diferentes.

Para Prost (2008) o tempo da História não é nem o tempo físico e nem o tempo da Filosofia, que ele chama de psicológico, ressalta ainda que além de ser um intermediário, o tempo histórico servirá de referência comum aos membros de um grupo. Uma nova questão surge, o terceiro tempo, o tempo histórico, relação entre o tempo natural e o tempo psicológico, referência comum aos membros de um grupo, não é o mesmo para todas as sociedades.

Em uma mesma sociedade os modos de perceber nas relações entre passado- presente e futuro diversificam-se. Cada indivíduo deve percorrer, num processo irreversível, as fases de sua vida. O modo de ser homem é a sucessão de momentos aonde suas chances e dificuldades apresentam-se diferentes em cada uma das fases de sua vida.

A Temporalidade é a sucessão das várias fases da vida e não pode ser confundida como o tempo. Ela é uma característica do indivíduo consciente de sua mortalidade. É a temporalidade que determina para o indivíduo que: cada uma de suas ações e decisões não pode ser retrocedida. Muitos filósofos reconhecem que é mais fácil nos aproximarmos do conceito de tempo de maneira enviesada por noções correlata: temporalidades, duração, processo, evento, continuidade e ruptura.

Nesse contexto que a narrativa surge como, um dos principais aspectos encontrados ao longo da História da Humanidade para contar os feitos e das temporalidades humanas. E de acordo com Ricoeur (2012) a trama conceitual pode ser nossa primeira competência para seguir uma história e o primeiro ancoradouro para a composição narrativa. O referido autor assinala que a poética da narrativa contribui para juntar o que especulação separou e ela necessita da cumplicidade, do contraste, da consciência interna do tempo e da sucessão objetiva para “[...] tornar mais urgente à investigação das mediações narrativas entre a concordância discordante do tempo fenomenológico e a simples sucessão do tempo físico” (RICOEUR, 2016, p.36). Assim entrelaçamos temporalidade, tempo e narrativa nas tramas do ensino de História.

2. Os Estudantes, são os Sujeitos do Processo

Os estudantes participantes cursavam do 9º ano ao Ensino Médio e tinham aprenderam a Língua Xavante como primeira Língua. Dos quinze, três eram meninas e uma delas já casada, estudante do ensino fundamental e à espera de seu primeiro bebê. As outras duas estudantes do



Ensino Médio. Ressaltamos que o fenômeno das meninas estudando na cidade é algo muito recente. E elas só vêm quando há um responsável mais velho por elas vivendo na cidade.

Todos dominavam a fala em Língua Portuguesa, mas apresentavam inibição em se expressar oralmente frente ao grupo em língua Portuguesa. Por isso inicialmente, introduzimos atividades com ênfase no uso da oralidade nessa língua.

Alguns estavam na cidade porque seus pais trabalham em instituições públicas e outros por que as famílias decidiram que na cidade teriam condições de ter mais fluência na comunicação e uso da Língua Portuguesa. Uns moram com parentes mais velhos, Outros em pensão e até mesmo sozinhos em hotéis. Todo esse sacrifício em ficar longe de suas famílias é pela oportunidade do aprendizado que possa ser revertido no futuro para suas aldeias. Falam frequentemente sobre isso. O trânsito entre as duas culturas é algo que faz parte da chamada estratégia Xavante de se apropriar dos elementos culturais do outro sem perder os seus. E se faz muito presente entre nossos estudantes.

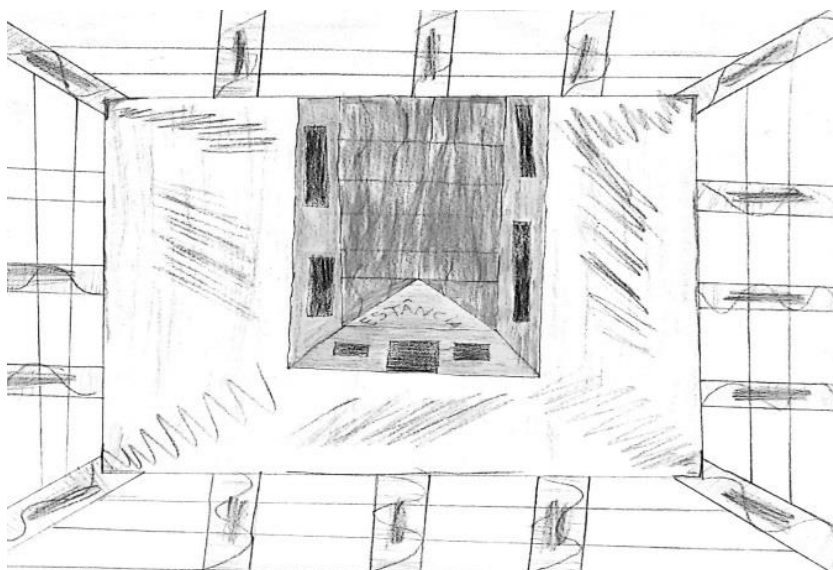
3. O Caminho do Ensino e da Aprendizagem

O experimento didático ocorreu de agosto a novembro de 2018 e de acordo com as cinco ações de Davídov. Pautamo-nos nas cinco ações em Davídov, porém traremos apenas alguns exemplos para essa discussão. Na ação 01 - *transformação dos dados da tarefa de aprendizagem a fim de revelar a relação principal de tempo nosso objetivo da aprendizagem*: perceber os diferentes tempos existentes na vida humana e propusemos na operação 1: uma representação da percepção de tempo por meio de desenho como viviam o tempo, em seguida a apresentação da observação do desenho para a turma. Na sequência temos a representação do estudante que denominaremos J, 1º ano do Ensino Médio. Originário da Terra Indígena São Marcos localizada nos municípios de Barra do Garças e General Carneiro e tem uma população de acordo com os dados do Instituto Socioambiental- ISA de 2.848 pessoas em uma área de 188mil ha, J apresenta na ilustração 1 Os Tempos em que as Fazendas cercam as Terras Indígenas. Ele externa sua grande preocupação com a segurança alimentar da população Xavante que tem na caça a sua principal atividade cultural seja para os ritos de passagem e casamento ou para alimentação. Como fazer em uma terra cercada de fazendas nossa cultura existir? Em sua apresentação ele externa a preocupação com a sustentabilidade e diz que pensa que a educação é um dos caminhos de luta para a defesa da sustentabilidade. Ressaltamos que



J, é filho de um grande educacional do Povo Xavante que recentemente se graduou mestre pela Universidade de Brasília. É muito possível que a constituição do seu pensamento no caminho da educação para a sustentabilidade advenha dos exemplos de seu pai, pois um dos aprendizados do Povo Xavante está no exemplo dos mais velhos.

Ilustração 1 São os Tempos em que as Fazendas cercam as Terras Indígenas



Fonte: Projeto Interculturalidade nas Escolas Urbanas, CEFAPRO/UFMT, 2018.

Outro estudante C, do ensino médio trouxe nessa operação um texto escrito e uma imagem:

Perguntei para o tempo quanto tempo o tempo tem? O tempo respondeu pro o tempo, que o tempo tem o tempo que o tempo tem. Em seguida apresentou a seguinte narrativa:

Estar em contato com a natureza significa que além de estar em um lugar mais verde, você reservou tempo (aquele que marca no relógio e ao mesmo tempo se desligou dele a ponto de entrar na percepção do tempo da vida). “Se nós não pensamos de dia a dia que acontecem na nossa vida, além disso, o tempo faria a gente anotar tudo que vejamos nos acidentes, usinas etc. desmatamos as árvores destruimos o que eles têm” (C, estudante do Ensino Médio).

Ilustração 2: O tempo da Natureza



Fonte: Projeto Interculturalidade nas Escolas Urbanas, CEFAPRO/UFMT, 2018.

As representações de C são interessantes para observarmos como os contrastes que afetam a todos nós ao administrarmos a passagem do tempo em nossas vidas são percebidos e se relacionam com seu dia-a-dia, com sua percepção empírica. Ele traz tanto na ilustração quanto no texto os elementos do tempo da natureza cuja percepção de passagem era mais lenta e também do tempo cronológico materializado pelo relógio, pelo avanço do desmatamento, pela destruição ambiental.

C, é um estudante com muitas responsabilidades na cidade, resolve muitas questões para sua família como serviços de banco e outros no que se refere às relações aldeia-cidade, pois tem um bom domínio da Língua Portuguesa. Mas, o que isso representa na sua vida corrida de estudante dividida entre muitas tarefas a serem resolvidas na cidade, seus estudos e a aldeia? Essas contradições evidenciam marcas de um tempo fugidio e de saudosismo ao tempo da natureza em que a passagem se resolvia de forma mais tranquila.

Para nós dois exemplos denotam como nossa a organização dessa operação fez emergir como esses estudantes veem e lidam com a o tempo e suas temporalidades. E como poderíamos seguir com nosso planejamento ou realizar outras retomadas e possibilidades. No caso em relação a todos os participantes seguimos apara a operação 2.

Operação 2: Audição Leitura do fragmento da música Tempo Perdido de Renato Russo: Quais os tempos que aparecem na música de Tempo Perdido? Qual o significado de tempo? Cada participante escreverá em seu caderno o que compreende por tempo Nessa operação dois trechos da música de Renato Russo causaram muitas discussões uma foi: “[...] Não tenho medo do escuro/Mas deixe as luzes/Acesas agora [...]”, pois oportunizou a discussão sobre o receio que eles têm da vida na cidade. Principalmente as meninas da turma que disseram



ter medo de andar na rua à noite e que cuidam da abordagem de desconhecidos, pois desconhecem os perigos da cidade. Outro trecho foi: [...] “Nosso suor sagrado/É bem mais belo que esse sangue amargo/E tão sério E selvagem/selvagem [...]”. Imediatamente eles relacionaram com a exploração do trabalho. Porém o selvagem necessitou de medicação, pois eles tinham apenas a definição do dicionário que define a selvageria a povos indígenas e a discussão ampliou a definição do termo na relação com o trabalho que expropria a força de trabalho do ser humano. Na ação 02 - modelação da relação encontrada em forma objetivada o objetivo de aprendizagem: era a elaboração um modelo que representasse a relação principal do conceito de tempo e as operações dessa ação eram: Elaboração de uma representação – (mapa conceitual, texto, compreensão de tempo) discussão no grupo sobre um mapa conceitual individual de tempo com apresentação para o grupo. Os estudantes elaboraram uma linha do tempo circular com vários acontecimentos simultâneos, pois entenderam que a linha do tempo não reta e sim uma simultaneidade. Eles a preencheram com fotografias e desenhos. A ação 03 – transformação do modelo com vista a estudar as propriedades intrínsecas a estas relações estabelecia o reconhecimento das relações entre tempo e narrativa para compreensão da História Como os acontecimentos se situam no tempo? Cada grupo escolheu um marcador textual na caixa para iniciar uma narrativa histórica coletiva e produção da história coletiva. A ação 04 - *construção de um sistema de problema específico (tarefa particular) que pode ser resolvido mediante aplicação do modelo geral do conceito*. Resolveram problemas específicos utilizando o modelo geral do conceito de tempo e narrativa Operação 01: Identificação dos tempos presentes no trailer do filme Antes o Tempo não Acabava de Sérgio Andrade. Discussão no grupo era para observarmos a generalização no e um membro de cada grupo apresentou aos demais colegas. Ação 05 controle da realização das ações precedentes pelo pelas mediadoras. Aplicação do modelo geral para a resolução de situações-problemas (os alunos criam uma situação problema fazendo uso do conceito Operação 01 – Elaboração um texto narrativo-temporal a partir da imagem apresentada Em grupo, os participantes discutem o conceito; Cada participante elabora o seu texto e socializam as produções entre si; O grupo define um trabalho para ser apresentado. Ao chegarmos na ação 05 já tínhamos toda uma trajetória de ações e operações mediadas por nós que possibilitaram a elaboração das narrativas sobre o tempo da qual destacaremos **o tempo e a vida:**

O melhor presente é o tempo presente. Por isso, é preciso aproveitá-lo bem.
Há uma ciência para utilizar o tempo não se trata de fazer as coisas sem sentido



e para eu viver bem, eu preciso saber usar o tempo. Por que é nele que construímos a nossa vida e cada momento de nossa existência. Tem consequências determinadas nessa vida. As pessoas não e tornam grandes por fazerem grandes coisas. Fazem grandes coisas para serem grandes (M, estudante do 9º ano do Ensino Fundamental).

A narrativa de M apesar de ressaltar o tempo presente traz a temporalidade da existência e dos grandes. Enfim é permeada por todos os elementos trabalhados no experimento.

O texto final de C, o estudante do Ensino Médio já traz outros elementos diferentes de seu primeiro texto bem como de sua ilustração iniciais nos quais seus dilemas em relação ao tempo, agora vemos “espaço da experiência” e seu “horizonte de expectativas” de forma mais clara:

160

O tempo e a vida

Quando eu era criança andava com meu pai. Caçava na mata, pescava, enfim. Não admiraria que está por vir o que o motivo era tão puro dentro da aldeia: escutava o canto dos pássaros, além do meu crescimento.

Meu pai pensou para eu poder estudar na cidade, então ele me contou para me preparar e apresentou com os nossos anciões. Eu tinha 3 anos de idade. Após isso fui para a cidade de Sinop, eu ficava na casa de um advogado que o meu pai conheceu. Então percebi muitas coisas diferentes dentro de nossa aldeia então o orgulho me levou para eu chegar ao nível dos doutores (Texto 2 de, estudante do Ensino Médio).

Utilizamos-nos das categorias de Koselleck espaço de experiência e horizontes de expectativas para evidenciar que ao trabalhar com as narrativas históricas junto aos estudantes articulamos com suas vidas e experiências no sentido de organizar as atividades de ensino e de estudo para eles a fim de que percebessem que “[...] que o futuro nunca é o resultado puro e simples do passado histórico [...] [e, também que] as experiências já adquiridas podem modificar com o tempo” (KOSELLECK, 2006, p. 312).

Buscamos embasar nossas discussões em consonância ao que Koselleck, apontou para nós como uma nova perspectiva entre passado- presente-futuro. Pois, segundo ele essa dimensão além de reconstruir o passado, a partir de questionamentos realizados no agora pode trazer outros sentidos ao futuro. O espaço do vivido, do passado a que ele denomina como “espaço de experiência” e o futuro como “horizonte de expectativas”. Koselleck, encontramos uma nova perspectiva do presente já que para ele essa dimensão além de reconstruir o passado, a partir de questionamentos realizados no agora, pode também ressignificá-lo como futuro. A ideia de passado, para esse autor, é conceitualmente trabalhada como “espaço de experiência” e o futuro como “horizonte de expectativas”. “Para esse estudioso, essas categorias “espaço de



experiência” e “horizonte de expectativas” entrelaçam passado e futuro” (KOSELLECK, 2006, p. 308). A ideia foi que ao organizarmos as ações e operações conforme apresentamos, os estudantes pudessem chegar ao final do experimento percebendo que “espaço de experiência” e “horizonte de expectativas” se entrelaçam em tempos sob a forma de passado e futuro permeado por muitas temporalidades de diferentes povos.

4. Resultados e Desafios: Ainda restam perguntas

161

Os resultados apontam que os estudantes precisam vivenciar outras situações de organização do ensino que faça sentido com sua historicidade de sujeito portador de cultura. Na organização do ensino é fundamental que os mediadores conheçam minimamente os estudantes e sua cultura. Pois isso fez a diferença na condução dos trabalhos o fato de termos inserção na cultura Xavante. O trabalho com o ensino desenvolvimental requer tempo e dedicação, mas vale a pena, pois a relação não é a quantidade do que se ensina, mas sim a apropriação para generalização de conceitos. Percebemos inicialmente que os estudantes tinham todos os elementos de temporalidades consigo, mas de forma sincrética e à medida que fomos desenvolvendo as ações e operações eles foram elaborando seu pensamento e generalizaram em vários momentos conforme apresentado ao longo do processo. Mas, isso só foi possível porque o global estava no sujeito. Quando se perceberam no contexto geral das discussões tudo se desvelava aos seus olhos. Será que já perguntamos o querem os estudantes indígenas quando vem para estudar na cidade? Será que o modo como o ensino é organizado possibilita-os atingir o que vieram buscar?

Como no ensino de História a relação passado-presente-futuro dialoga entre o espaço de experiência, o vivido e o horizonte de expectativas? Como o ensino e sua organização contribui para tal?

5. Referências

BARROS, José D'Assunção. **Tempo dos Historiadores**. Petrópolis: Vozes, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC Rio, 2006.



MARZARI, Marilene; RIBEIRO, Hidelberto de Sousa. Ensino Desenvolvidor: experiência de sala de aula. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 10, n. 3, set/dez.2017.

PEGORARO, Olinto A. **Sentidos da História**: eterno retorno, destino, acaso, desígnio inteligente, progresso sem fim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

RICOEUR. Paul. **Tempo e Narrativa**: o tempo narrado. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.